

Museu__
Nacional
_Soares
dos Reis



**DOSSIER DE
APOIO À VISITA**

EXPOSIÇÃO DE LONGA DURAÇÃO

MUSEU NACIONAL SOARES DOS REIS

Um Museu de pessoas, por pessoas, para pessoas

A caminho dos 200 anos, o Museu Nacional Soares dos Reis procura reinventar-se, trilhar novos caminhos, reler as suas coleções, rever as suas narrativas, valorizando o património cultural à sua guarda e honrando a história de que é herdeiro.

Criado por D. Pedro IV em 1833, em plena Revolução Liberal, o MNSR é o primeiro museu público de arte em Portugal. Também designado Museu de Pinturas e Estampas foi confirmado por D. Maria II em 1836.

A fundação deste museu enquadra-se num contexto internacional de valorização e difusão da cultura em prol dos cidadãos, iniciado pela Revolução Francesa em 1789. Insere-se neste âmbito a criação, em 1793, do Museu do Louvre (Paris) e, em 1819, do Museu do Prado (Madrid), este sob o empenho da princesa portuguesa Maria Isabel de Bragança, irmã de D. Pedro IV.

Ao longo destes 190 anos estruturou-se o acervo e estabeleceram-se novas práticas culturais, destacando-se a produção de conhecimento sobre os artistas e as coleções permitindo a organização de publicações, de exposições temporárias, a criação do serviço de educação. Merece destaque a edição da revista Museu pelo Círculo Dr. José de Figueiredo, a mais antiga associação de amigos de museus no país.

O que propomos com esta exposição de longa duração é um percurso com duas leituras que se complementam:

- . A história do Museu Nacional Soares dos Reis organizada a partir da construção das suas coleções;
- . Os movimentos artísticos em que os artistas e as suas obras se integram.

Os museus e as exposições refletem os seus contextos e os momentos que percorrem ao longo da sua existência. O Museu Nacional Soares dos Reis traçou a sua história a par da história política e social de Portugal. Este é um Museu que se recria em cada período, que ultrapassa barreiras e que procura hoje responder aos desafios da contemporaneidade.

O que esperamos? Trazer o Museu Nacional Soares dos Reis ao encontro da sua história, assumindo-se como uma instituição cultural e artística de referência, com uma coleção de dimensão internacional. Um lugar essencial para o conhecimento, um lugar especial para o lazer, de descoberta, de questionamento, um lugar para as pessoas... entre, visite, veja, observe, disfrute e... volte!

DOSSIER DE APOIO À VISITA

EXPOSIÇÃO DE LONGA DURAÇÃO

Este dossier é um documento de orientação e de apoio ao professor na visita autónoma à exposição de longa duração do MNSR com os seus alunos. Apresenta a informação percorrendo todos os seus núcleos expositivos. Essa informação poderá ser explorada em dois níveis que, neste dossier, se encontram com cores distintas e documentada com imagens de algumas das obras expostas:

NÍVEL 1 **Laranja**

A história do Museu Nacional Soares dos Reis organizada a partir da construção das suas coleções.

NÍVEL 2 **Preto**

Os movimentos artísticos em que os artistas e as suas obras se integram.

Notas importantes para a visita

- . Conhecer e cumprir as normas gerais de funcionamento do museu;
- . Malas, mochilas, guarda-chuvas ou outros objetos de grandes dimensões deverão ser deixados na receção. Mas cadernos de registos, diários de bordos, entre outros, são bem-vindos;
- . Se possível, antes de trazer o grupo, faça uma visita prévia ao museu. Poderá contar com o apoio do Serviço de Educação para o efeito (+351) 223 393 770 | se@mnsr.dgpc.pt).
- . Selecione um pequeno número de obras a explorar. Deixamos algumas sugestões neste documento.
- . Quando chegar ao museu, faça uma pausa e concentre o grupo. Estará alguém à sua espera que fará uma breve contextualização e relembrará as boas práticas para que a visita resulte bem;
- . Sensibilize o grupo para as questões relacionadas com a preservação. Explique que não devem tocar nas obras expostas porque a humidade das mãos provoca a sua deterioração;
- . Mais do que transmitir informação, o orientador da visita deverá incentivar a observação por parte de cada um dos elementos do grupo;
- . Pegue nas intervenções pessoais e espontâneas de cada um dos elementos do grupo para progredir na leitura da obra de arte;
- . Faça a avaliação da visita com o grupo e peça que justifiquem as suas opiniões.



PERCURSO DA VISITA

PISO 1

A fundação do Museu

O Museu Nacional Soares dos Reis tem origem no Museu de Pinturas e Estampas e outros objetos de Belas Artes, criado por D. Pedro IV de Portugal, primeiro Imperador do Brasil. Conhecido como Museu Portuense, ficou instalado no extinto Convento de Santo António da Cidade, na praça de S. Lázaro. Foi durante a guerra civil entre liberais e absolutistas (1832-34) que D. Pedro mandou o pintor João Batista Ribeiro recolher obras de arte dos partidários do seu adversário D. Miguel e dos conventos abandonados do Porto – núcleo que deu início à coleção do Museu.

O Museu e os mosteiros extintos

O núcleo inicial da coleção do Museu é composto sobretudo por obras de Pintura e Gravura retiradas em 1833 dos mosteiros, hospícios e conventos abandonados do Porto. Com a promulgação do decreto de extinção das ordens religiosas em 1834 procedeu-se à integração no Museu dos bens artísticos dos mosteiros de S. Martinho de Tibães e de Santa Cruz de Coimbra.

Este primeiro museu público de arte do país inventariou pinturas, gravuras e objetos históricos, como a série de esmaltes da Paixão de Cristo do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

A criação do Museu fez atrair doações de obras por cidadãos do Porto.

➤ SÉRIE DE 26 PLACAS DE ESMALTE PINTADO QUE FAZIA PARTE DE UM ALTAR QUE AINDA HOJE SE ENCONTRA NO SANTUÁRIO DO MOSTEIRO DE SANTA CRUZ DE COIMBRA

O Museu e a Academia Portuense de Belas Artes

A fundação do Museu Portuense foi formalizada em 1836 por decreto da rainha D. Maria II, a que se seguiu a criação da Academia Portuense de Belas Artes, no âmbito de uma série de reformas da instrução pública. Este ensino artístico teve início na Aula de Desenho da Academia Real de Marinha e Comércio, dirigida por Vieira Portuense.

Em 1839 o Museu passou a ser dirigido pela Academia e manteve-se até à proclamação da República em 1910. Às coleções iniciais juntaram-se trabalhos académicos e obras enviadas pelos alunos bolseiros no estrangeiro, que serviam de apoio aos métodos de ensino. As exposições realizadas entre 1870 e 1890 correspondem ao período próspero da Academia Portuense de Belas Artes.

Vieira Portuense e Domingos Sequeira

Artistas que se destacaram em Portugal na viragem para o século XIX, com obras inovadoras de temas históricos da época e da sociedade anunciando o Romantismo, movimento cultural vigente na Europa. Contactaram de perto com os mais conceituados meios artísticos europeus e foram pintores da corte de D. João VI.

Sequeira (1768-1837) deixou vasta obra que ilustra as transformações políticas e sociais de inícios do século XIX, como as Invasões Francesas abordadas em Junot protegendo a cidade de Lisboa. A paisagem com a cena da Fuga de Margarida de Anjou de Vieira Portuense (1765-1805) reflete a exaltação de sentimentos que anuncia a época romântica.

> A FUGA DE MARGARIDA DE ANJOU DE FRANCISCO VIEIRA PORTUENSE, 1798

O Romantismo

Movimento cultural enaltecedor das emoções manifestando-se através da exaltação da identidade nacional e afirmação do indivíduo, a par da atração pelo exotismo de outras culturas. Esta corrente difundiu-se na Europa após a Revolução Francesa de 1789.

Em Portugal afirmaram-se os ideais da monarquia liberal, assente no progresso político, económico, social e cultural que promoveu a criação das Academias de Belas Artes do Porto e de Lisboa.

O Romantismo nas Artes Plásticas revelou-se em temas de História, no Retrato, na Paisagem e nos Costumes. Auguste Roquemont (1804-1852), artista suíço radicado no norte de Portugal, exerceu forte influência na pintura de retrato e costumes portugueses.

> A PROCISSÃO DE AUGUSTO ROQUEMONT, 1838-1842

O Naturalismo Silva Porto e Marques de Oliveira

Nas Academias de Belas Artes do Porto e Lisboa, o ensino baseava-se nos temas de História, no exercício da cópia e no estudo de figura humana, sendo o Desenho uma prática fundamental. No Porto faziam-se sentir falhas em História da Arte e a disciplina de Paisagem era inexistente, situação alterada em 1867 com a atribuição de bolsas a alunos no estrangeiro. Em França os estudantes contactaram com o Naturalismo, que se centrava no tratamento dos temas com o máximo de objetividade, no sentido de uma maior aproximação à realidade.

Silva Porto (1850-1893) e Marques de Oliveira (1853-1927) foram os primeiros bolseiros em Pintura, ingressando na École des Beaux-Arts de Paris em 1873. Na floresta de Barbizon conviveram com um grupo de artistas seguidores da pintura de ar livre focando-se nos efeitos da luz sobre a paisagem.

> UM CAMPO DE TRIGO - SEARA DE SILVA PORTO, 1878-1879

> CÉFALO E PRÓCRIS DE MARQUES DE OLIVEIRA, 1879

Henrique Pousão

A obra de Pousão (1859-1884) foi produzida num curto período sendo interrompida pela sua morte por tuberculose aos 25 anos. A pintura de caminhos e ruas, pátios, casas, aspetos de Paris testemunha o seu percurso criativo, que culmina nas estadias em Roma e Capri. As formas geometrizadas, sintetizadas, expressas em grandes manchas de cor, por vezes no limiar da abstração, revelam-nos o arrojo e o talento do jovem pintor e o seu interesse absoluto nos valores da pintura em si em detrimento dos temas ou da narrativa. A obra de Henrique Pousão está quase totalmente reunida na coleção do Museu, graças à iniciativa do pai do artista de a recolher entre familiares e amigos. Após a morte deste foi entregue à Academia Portuense de Belas Artes.

> AS CASAS BRANCAS DE CAPRI DE HENRIQUE POUSÃO, 1882

O Patrono do Museu - Soares dos Reis

No contexto das reformas da República de 1911, os museus foram considerados importantes meios de intervenção social, destinados a educar o sentido estético dos cidadãos. Neste âmbito, assistiu-se à fundação de grandes museus em Lisboa, Coimbra e Porto.

O Museu Portuense passou a designar-se Museu Soares dos Reis em homenagem a um dos mais destacados nomes da Arte Portuguesa – o escultor António Soares dos Reis. Em 1940 o patrono do Museu passou a ocupar um lugar central nesta galeria do Palácio dos Carrancas.

Estudo do modelo

Ao longo da carreira, Soares dos Reis recorreu ao desenho como método de estudo e na preparação das suas obras. Na Academia Portuense de Belas Artes aprendeu a desenhar a partir de gessos e gravuras com o professor Tadeu de Almeida Furtado e sob orientação de João António Correia praticou o estudo da figura humana na Aula do Nu. Em Paris prosseguiu o aperfeiçoamento neste domínio, na qualidade de bolseiro do Estado pela Academia Portuense.

> FIRMINO DE ANTÓNIO SOARES DOS REIS, 1867.

António Soares dos Reis

Na evolução da sua obra distinguem-se peças de inspiração poética, como o célebre Desterrado e a Saudade, que datam da década de 1870. A fase seguinte vai ser marcada por um tipo de encomenda voltada para a escultura monumental e o retrato. O autor vai impor-se pela qualidade técnica e a captação do perfil psicológico dos retratados, como mostra o Busto da Inglesa, Mrs. Leech.

> O DESTERRADO DE ANTÓNIO SOARES DOS REIS, 1882

Estudos livres e ilustrações

Os croquis e esboços fazem parte do processo de trabalho de um escultor. Soares dos Reis recorreu a este método, também empregue na ilustração de revistas e numa edição de Os Lusíadas, poema épico de Luís de Camões. No Centro Artístico Portuense (1880-1893) desenvolveu a prática do desenho de figura humana. Este centro promovia exposições e visitas de estudo, onde era usual desenhar edifícios e outros aspetos de interesse histórico e monumental.

> NOSSA SENHORA DA VITÓRIA DE ANTÓNIO SOARES DOS REIS, 1875



O estatuto de Museu Nacional

Em 1932, o Museu foi elevado à categoria de Museu Nacional, tornando-se independente da Escola de Belas Artes do Porto. Como resultado desta autonomia registou-se o crescimento das coleções de Pintura e Escultura provenientes de outros centros de criação artística, como é o caso dos artistas de Lisboa.

1900 – a entrada no novo século

Em 1900 realizou-se a Exposição Universal de Paris, visitada por milhões de pessoas. Na secção de Belas Artes, Malhoa, Columbano, Veloso Salgado, António Carneiro, Fernandes de Sá e Teixeira Lopes, entre outros, apresentaram-se com os usuais temas do Naturalismo e da Pintura Histórica. Mas Loureiro e António Carneiro também apresentaram obras que se aproximavam do Simbolismo. Em Escultura, Teixeira Lopes recebeu o Grande Prémio na exposição. A pintora Aurélia de Souza, embora pertencesse a este meio artístico e na altura frequentasse a Academie Julian em Paris, não participou no certame. Parte destas obras perdeu-se num naufrágio na viagem de regresso, mas a informação sobre a representação portuguesa dá-nos uma visão da cultura artística no fim do século XIX.

- > MACIEIRA PARTIDA DE JOSÉ JÚLIO DE SOUSA PINTO, 1883
- > RETRATO DE DR. JOAQUIM MADUREIRA DE ARTUR LOUREIRO, 1920
- > CUIDADOS DE AMOR DE JOSÉ MALHOA, 1910

Aurélia de Souza, António Carneiro e Artur Loureiro

Aurélia de Souza (1866- 1922), António Carneiro (1872-1930) e Artur Loureiro (1853-1932) têm várias características comuns e que os distinguem da restante produção plástica portuense do fim do século XIX: o naturalismo de princípio, a tentação simbolista, o apelo de uma espiritualidade bem presente em vastas tendências europeias do seu tempo, o gosto pela paisagem, o apelo da cidade do Porto, a sedução do rio Douro, a exigência do autorretrato, o gosto pelo retrato familiar, a imposição do retrato de encomenda, o fascínio da viagem e o consolo do regresso, o silêncio e o retraimento dos espaços interiores. Possuem ainda aquela liberdade que lhes permite o devaneio por outros territórios da pintura que também estão aqui representados.

- > AUTORRETRATO DE AURÉLIA DE SOUZA, 1900
- > ESTUDO PARA O PAINEL CENTRAL DO TRÍPTICO “A VIDA” DE ANTÓNIO CARNEIRO, 1899

Os anos 1940-50

Na década de 1940, o panorama artístico era ainda dominado por artistas do Naturalismo, presentes nas exposições portuenses do Salão Silva Porto e na Sociedade Nacional de Belas Artes em Lisboa. A Arte dita Moderna exibia-se maioritariamente nas exposições do Secretariado de Propaganda Nacional. No Porto, à margem, uma nova geração de artistas ia-se manifestando nas Exposições Independentes, organizadas por alunos da Escola de Belas Artes. Entre 1943 e 1950, nessas exposições reuniam-se pintores e escultores naturalistas com os artistas ditos modernistas, mas também outros, com propostas então muito recentes como o Neorrealismo, o Surrealismo e, sobretudo, o Abstracionismo geométrico. O debate público entre as várias correntes estéticas estava lançado pela primeira vez em muito tempo.

O Museu ao encontro do Modernismo

Entre 1950 e 1960, sob a direção do escultor e professor Salvador Barata Foyo, o Museu Nacional Soares dos Reis investiu na atualização das coleções de Pintura e Escultura. Privilegiou a compra de obras de artistas contemporâneos, na sua maioria formados na Escola de Belas Artes do Porto. Foram adquiridas mais de 150 obras de arte através do Fundo João Chagas (criado por Maria Teresa Chagas, viúva deste político, diplomata e jornalista). Graças a essa iniciativa, estão hoje representados na coleção quase todos os artistas mais destacados do Modernismo português.

Modernismos

Em Portugal, na primeira metade do século XX, a persistência do gosto naturalista entre o público e os críticos não favorecia a renovação artística. Ainda assim, em Lisboa surge a I Exposição dos Livres em 1911 abrindo um ciclo em que se sucedem exposições designadas de futuristas e modernistas. Jovens artistas regressados de Paris foram introduzindo referências de vanguarda, que questionavam uma estética assente na ideia do belo, temas e géneros artísticos, o próprio conceito de Arte e as suas relações com a sociedade. Pintura e Escultura deixavam de ser meios para representar a realidade visível para se tornarem em modo de invenção de novas e surpreendentes realidades.

- > LOUÇA DE BARCELOS DE EDUARDO VIANA, 1915
- > A PONTE D. MARIA, VISTA DA CIDADE DO PORTO DE EDUARDO VIANA, 1925
- > O BEIJO DE CANTO DA MAYA, 1930
- > TAMBORES DE FERNANDO LANHAS, 1947
- > AS VISITAS DE AUGUSTO GOMES, 1953

Centro de Arte Contemporânea (CAC)

Até meados da década de 1970, a cidade do Porto, distanciada da cultura oficial do regime de ditadura, desenvolveu uma certa autonomia. A emergência de espaços independentes e alternativos com programação inovadora contribuiu para uma dinâmica artística fértil.

Após a instauração da democracia, surgiu em 1975 o Centro de Arte Contemporânea (CAC) sob direção do professor e crítico de arte Fernando Pernes. Associado ao Museu e instalado no seu espaço, inaugurou um plano de exposições e eventos com temas, por vezes polémicos, como o erotismo na arte ou a tortura. Durante os seis anos de atividade do CAC, foram adquiridas perto de uma centena de obras, que foram a génese de uma coleção pública de Arte Contemporânea.

PISO 2

O Museu no Palácio dos Carrancas e a diversificação das coleções

Em 1932, o Museu adquiriu o estatuto de Museu Nacional recebendo o forte contributo das ações de valorização do seu diretor, Vasco Valente.

As coleções do Museu Nacional e do extinto Museu Municipal do Porto foram reunidas e instaladas neste Palácio dos Carrancas, adaptado às novas funções museológicas de conservação e exposição. O edifício tinha sido residência e fábrica dos Moraes e Castro e em 1862 foi adquirido pela família real, tendo servido como Paço Real do Porto até 1910.

No segundo piso, antigo andar nobre que preserva parte dos interiores neoclássicos, destacam-se os núcleos de Artes Decorativas e Artes Plásticas, nacionais e estrangeiras, que refletem a evolução e diversificação das coleções do Museu.

Os bens artísticos da Igreja

Entre os bens artísticos pertencentes ao bispado do Porto destacam-se objetos destinados ao culto católico e a outras funções cerimoniais do Paço Episcopal, do século XVII ao XIX.

Sobressai a Croça (terminal superior do bastão episcopal) encomendada pelo bispo do Porto D. Frei José da Fonseca e Évora ao ourives italiano António Arrighi e um raro conjunto de Âmbulas de reserva, em estilo neoclássico, do portuense José de Oliveira Coutinho, utilizado para guardar os óleos dos sacramentos.

Estas obras integram um núcleo incorporado pelo Estado em 1911, após a proclamação da República, que deu origem em 1932 à formação da coleção de Ourivesaria e Joalheria do Museu.

> CROÇA DE BÁCULO EPISCOPAL DE ANTÓNIO ARRIGHI II, 1740

Joalheria arqueológica

Os adereços aqui apresentados cobrem distintas épocas cronológicas, desde a pré-romana (900 a.C.) até ao século XIV. Eram usados como adorno corporal, amuleto, forma de distinção social ou símbolo de poder.

O par de Pulseiras de ouro e o Tesouro de Estela são relevantes testemunhos da história da Ourivesaria e dos metais nobres em Portugal. Estes exemplares de joalheria comprovam que já se dominava o trabalho dos metais num passado mais longínquo. Evidenciando contactos com povos de culturas centro-europeias e mediterrânicas, refletem o conhecimento de formas e técnicas decorativas, bem como do processo da fusão de metais que se mantiveram até aos dias de hoje.

> BRACELETE (Par), IDADE DO FERRO, SÉCULO VII-VI A.C



Ourivesaria do século XVIII

A exploração das minas de ouro e pedras preciosas no Brasil teve forte impacto na joalheria portuguesa a partir da primeira metade do século XVIII, refletindo o luxo e opulência de uma sociedade abastada. A Guarnição de corpete, joia de adorno da imagem de Nossa Senhora do Monte do Carmo de Lisboa, é uma expressão notável deste esplendor.

O gosto desmedido por joias vai repercutir-se na diversidade de adornos de uso pessoal, masculinos e femininos: gargantilhas, alfinetes e anéis, fivelas de sapatos, insígnias, entre outros.

No conjunto de peças de prata civil e religiosa sobressai a produção nacional com a representação de dois grandes centros – Porto e Lisboa. A expressão estrangeira cabe a artifices e oficinas de Itália e Alemanha.

> GUARNIÇÃO DE CORPETE, 1750-1775

Jóias e acessórios de uso pessoal

As jóias e os acessórios de uso pessoal do século XVII ao XIX acompanharam as alterações da moda europeia. No século XIX difunde-se o gosto pelas jóias ligadas a momentos importantes da vida pessoal e à expressão de sentimentos, como os pendentes com retratos em miniatura servindo de lembrança de um ente querido ou acontecimento familiar.

Os anéis eram usados como mero adorno ou símbolo de autoridade, de amor, viuvez ou amizade. As jóias de temática religiosa podem incluir crucifixos ou pendentes com a Virgem,

Cristo ou santos. As caixas de rapé (tabaco moído), algumas exibindo delicados retratos, testemunham o hábito generalizado deste consumo pela Europa.

A Sala da Música do Palácio dos Carrancas

A antiga sala de música do Palácio dos Carrancas mantém a decoração original de mobiliário, estuques e pintura. De estilo neoclássico e seguindo a arquitetura do edifício, inspira-se na Antiguidade e nos princípios de austeridade e simetria. No teto, uma Alegoria à Música atribuída ao pintor Vieira Portuense evoca a função deste aposento do andar nobre do palácio, recordando a opulência e vivência da família Morais e Castro.

Enquanto Paço Real (1862 -1910), a sala integrou as divisões privadas dos monarcas. Em 1937 o edifício foi adquirido pelo Estado para instalação do Museu. As salas do andar nobre perderam a sua decoração, preservando-se apenas a desta sala e a da sala de jantar.

> TREMÓS E CONSOLAS DE LUIGI CHIARI, 1800-1805

O depósito das coleções da Câmara Municipal do Porto

Em 1940 deram entrada no Museu Nacional Soares dos Reis coleções de Arte e Arqueologia da Câmara Municipal do Porto. A salvaguarda deste património contribuiu para uma reconfiguração do Museu, desde então marcada pela forte presença das Artes Decorativas.

O Museu Municipal do Porto tinha sido organizado em 1850 a partir da coleção de João Allen e outras proveniências.

A coleção Allen

O negociante João Allen (1781-1848) foi um dos principais colecionadores de arte em Portugal. Em 1837 fundou no Porto o primeiro museu privado português aberto ao público. Membro da Feitoria Inglesa, culto e viajado, fez um Grand Tour por Itália em 1826-27. Esta viagem contribuiu para a formação de uma coleção que reunia sobretudo pintura nacional e estrangeira, numismática, história natural, arqueologia e uma biblioteca.

Em 1846, o crítico de arte conde Raczyński considerava a pintura do Museu Allen entre as mais qualificadas em Portugal. Destacavam-se obras dos mestres Frei Carlos, Cristóvão de Figueiredo, François Clouet, Adrian Backer, Jean-Michel Picart, Jean Pillement, Giuseppe Cades, Filippo Bombelli, Vieira Portuense e Domingos Sequeira.

> PAPELEIRA COM ALÇADO, INGLATERRA, 1725-1750

> CORO DOS CAPUCHINHOS EM ROMA E ESCOLA DE MENINAS EM ROMA, DE FILIPPO BOMBELLI, 1827 E 1823 RESPECTIVAMENTE

A diversificação das coleções

Ao longo da sua história, o Museu Nacional Soares dos Reis foi reunindo coleções de diversas proveniências, de diferentes períodos e locais de produção. Esta diversidade tem a ver com uma tendência europeia para considerar o Património de uma forma multidisciplinar, relacionando Pintura e Escultura com as Artes Decorativas, sobretudo Ourivesaria, Mobiliário e Cerâmica.

Escultura religiosa

A evolução da escultura religiosa na Europa, desde meados da Idade Média, reflete a aproximação entre o crente e o Divino através da humanização das obras de arte. As representações solenes de Cristo e da Virgem vão dando lugar a expressões de maior humanidade. Assim, ao tipo de figuração da Virgem em majestade apresentando Jesus vão-se sucedendo imagens de ternura, como a Nossa Senhora do Ó e a Nossa Senhora do Leite.

Propaga-se ainda o culto dos santos que são venerados na proteção de profissões, locais ou cidades, contra catástrofes e doenças. Em escala reduzida, há também uma tendência da arte para dar resposta à devoção em espaço privado, como mostram o Relicário de S. Máximo e a Virgem e o Menino de Malines.

Primitivos Portugueses e Pintura Luso-Flamenga

Remontam aos finais do século XV as obras designadas por Primitivos Portugueses, assim conhecidos por se situarem nos inícios da Pintura em Portugal. Durante o reinado de D. Manuel I (1495-1521) floresceu o círculo de pintura de Viseu em torno de Grão Vasco, ao qual também pertencem as tábuas atribuídas a Gaspar Vaz e Garcia Fernandes. A produção de Lisboa está representada por Cristóvão de Figueiredo. Nestas obras faz-se sentir a influência da pintura dos Países-Baixos, apreciada pelos seus fundos naturais servindo de enquadramento às cenas, tratadas com detalhe e mestria no uso da cor.

A presença de artistas luso-flamengos em Portugal é assinalada pelo Mestre da Lourinhã e Frei Carlos. A influência da pintura flamenga perdurou sendo notória no Casamento místico de St. Catarina de Josefa d'Óbidos.

> CRISTO CRUCIFICADO, OFICINA DE VALLADOLID OU PALÊNCIA ESPANHA, SÉCULO XIII

Pintura do norte da Europa dos séculos XVII e XVIII

A pintura dos Países-Baixos do sul conheceu grande expansão a partir da cidade de Antuérpia (Bélgica), em torno da corporação de artistas Guilda de São Lucas. A produção repartia-se por especialidades em que a Pintura de História, Paisagem, Natureza-morta (objetos e seres inanimados) e temas de costumes alcançaram extraordinária difusão.

A burguesia procurava na obra de arte a representação do seu género de vida, que se traduziu na produção em série de cenas do quotidiano, interiores de catedrais e composições de flores e frutos.

No norte dos Países-Baixos (Holanda), sob influência da religião protestante, a pintura tende a ser mais austera e a desenvolver aspetos de metáfora, que conduzem a uma reflexão sobre a conduta humana.

> NATUREZA-MORTA DE PIETER CLAESZ, 1645

A Sala de Jantar do Palácio dos Carrancas

Este espaço do andar nobre preserva a decoração original criada para os primeiros proprietários do Palácio dos Carrancas, a família Morais e Castro. Ao artista italiano Luigi Chiari (ativo 1797/98-1837) atribui-se a criação de um programa em estilo neoclássico, que seguiu os princípios de uma arte aplicada a espaços interiores com raízes na Antiguidade e desenvolvida em Inglaterra por Robert Adam (1728-1792). Associa pintura e estuques murais em painéis de grotescos (máscaras, tochas inflamadas e grinaldas de folhas de loureiro).

Hoje evoca-se a origem e vivência do espaço através da exposição de objetos outrora ligados ao serviço de mesa em porcelana, vidros e prataria.

> PEÇAS DE UM SERVIÇO DE MESA, CHINA, 1800-1810

Novos temas - o Oriente

Na década de 1950 a aquisição e exposição de um par de Biombos Namban permitiu abordar o tema das relações entre Portugal e o Oriente: Índia, China e Japão.

Os biombos associaram-se a outros objetos de luxo produzidos no Oriente, entre os séculos XVI e XVIII. A chegada à Europa de exóticas e preciosas mercadorias espelha o fascínio dos europeus pelas artes e técnicas milenares orientais, no trabalho de pedras, madeiras e metais preciosos, marfim, tartaruga, madrepérola, seda, laca e porcelana.

O Museu abriu-se a novos olhares sobre as suas coleções, procurando o diálogo entre culturas.

> BIOMBOS NAMBAN (PAR), AUTOR DESCONHECIDO, 1600-1610

A coleção de Lapidária

Em 1940 foi concebido o Jardim Arqueológico na antiga quinta do Palácio dos Carrancas. Aqui foi exposta a coleção de Lapidária, composta por peças em pedra que datam da época romana ao século XIX - escultura arquitetónica, funerária, heráldica e ainda epigrafia. Distinguem-se portais, capitéis, pedras de armas, estelas funerárias, sarcófagos e marcos miliários (que indicavam as distâncias nas estradas).

Em 2001, a obra de requalificação do Museu abrangeu este espaço com o tratamento do jardim para exposição dos elementos em pedra ligados à história da cidade do Porto e para marcar a memória do antigo Velódromo, pista para corrida de bicicletas, inaugurado em 1894. Aqui podem ver-se elementos arquitetónicos provenientes de edifícios desaparecidos do Porto.